

Como compreender epistemologicamente a Comunicação da Ciência como processo colaborativo de produção de conhecimento científico?¹

Suzana Cunha LOPES²

Maria Ataíde MALCHER³

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

Este artigo apresenta um exercício para relacionar os conceitos e discussões realizados ao longo das disciplinas “Teorias da Comunicação” e “Metodologias da Pesquisa em Comunicação” – cursadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia – à temática da Comunicação da Ciência, que pretendemos discutir em nosso projeto de pesquisa do Mestrado como um processo de produção de conhecimento científico colaborativo, tanto do ponto de vista teórico como metodológico e, portanto, essencialmente, epistemológico. Trazemos nossas propostas iniciais de reflexão para diálogo com a comunidade científica da área da Comunicação, levando à discussão das lacunas que persistem em nossa proposta de pesquisa.

Palavras-chave: Comunicação da Ciência; Comunicação; Epistemologia; Teorias da Comunicação; Metodologias em Comunicação.

Introdução

Um dos grandes exercícios que um curso de Mestrado propõe ao pesquisador iniciante é a articulação de leituras e práticas ao projeto de pesquisa. Essa articulação cumpre o papel de nos auxiliar a vislumbrar a construção de nosso objeto de estudo, aqui entendido, de acordo com Orozco & González (2012), como um processo contínuo de diálogo entre teorias e contextos empíricos, portanto, um processo que se inicia bem antes do que imaginamos e termina (se termina) bem depois da entrega de uma dissertação; não se resume a um projeto de pesquisa, mas pode se constituir como um projeto de vida.

Este artigo é, nesse sentido, a expressão desse exercício de relacionar os conceitos e discussões realizados ao longo das disciplinas “Teorias da Comunicação” e “Metodologias da Pesquisa em Comunicação”⁴ à temática da Comunicação da Ciência, que pretendemos discutir em nosso projeto de pesquisa do Mestrado como um processo de produção de

¹ Exemplo: Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, bolsista CAPES, e-mail: suzanaclopes@yahoo.com.br.

³ Professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia e Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará, e-mail: ataidemalcher@uol.com.br.

⁴ Ambas disciplinas foram cursadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, no primeiro ano de nosso curso de Mestrado, tendo **respectivamente como professoras responsáveis ????**

conhecimento científico colaborativo tanto do ponto vista teórico como metodológico e, portanto, essencialmente, epistemológico.

Trata-se, assim, de um duplo processo reflexivo, que nos levará a analisar uma experiência empírica de produção colaborativa de conhecimento científico e, concomitantemente, realizar em nosso próprio processo de pesquisa um processo de Comunicação da Ciência, ou seja, um processo de produção de conhecimento de forma colaborativa, construindo uma metodologia comunicativa, interativa, normativa (WOLTON, 2004). Buscamos, assim, responder ao seguinte questionamento: Como pensar a Comunicação da Ciência como processo colaborativo de produção de conhecimento científico?

À luz das leituras sobre teorias e metodologias da Comunicação, apresentaremos nossas reflexões sobre a Comunicação da Ciência, nessa dupla perspectiva.

Possíveis leituras da Comunicação da Ciência

Em diversas experiências empreendidas em estágios e participação em projetos ao longo e depois da graduação em Comunicação, tivemos a oportunidade de desenvolver atividades geralmente denominadas de divulgação científica. Dessas experiências, aliadas às leituras que temos feito ao longo de nossa iniciante vida acadêmica, advém certo incômodo em relação ao conceito de divulgação científica e suas implicações práticas. Teoricamente, o termo divulgação remete a uma noção de comunicação como processo difusionista, caracterizado pela separação espacial e cultural dos agentes participantes. Nesse sentido, configura uma disseminação linear de uma mensagem, que, nesse caso, são as informações científicas. De fato, é o que se verifica em grande parte das iniciativas dessa natureza.

Contudo, para além dessas concepções e práticas de divulgação científica, o processo de produção de conhecimento contemporâneo tem exigido a incorporação de estratégias comunicativas como prática essencial e integrada da ciência.

Falar de *comunicação* em lugar de *divulgação* enfatiza uma relação que representa a condição prévia para que se possa considerar o tema dos conteúdos científicos, mais ou menos densos. A tendência recorrente a reduzir o tema da comunicação da ciência a mera transferência de conhecimento não apenas é uma ilusão, mas frequentemente produz o contrário da intenção inicial: aproximar, compartilhar e estimular. A comunicação da ciência não pode se furtar a uma reflexão estratégica com o

falaz pretexto de que inclui a palavra *mágica* “ciência”! (VOGT, 2006, p. 22-3).

Assim, mais do que uma prestação de contas, ou uma disponibilização final dos resultados das pesquisas ou ainda uma atividade assessória dos pesquisadores (ZAMBONI, 2001), a divulgação científica, na prática, tem tomado os rumos de formação de competências científicas por meio, por exemplo, da integração de estudantes da educação básica a projetos de pesquisa e extensão que oferecem a esses adolescentes e crianças a oportunidade de coparticipar do processo de construção do conhecimento científico, valendo-se de estratégias comunicativas midiáticas ou não.

Nesse contexto, encontramos alguns indícios para se pensar não mais em uma divulgação da ciência, mas talvez em uma Comunicação da Ciência, esta, *a priori*, entendida como um processo dialógico, normativo (WOLTON, 2004), de compartilhamento e produção de conhecimento entre “pesquisadores institucionalizados” (aqueles a quem é dada a autoridade de fazer e falar de ciência) e “pesquisadores do cotidiano” (todos aqueles que não tem formação institucionalizada para realizarem pesquisas, mas que, como cidadãos, realizam atividade reflexiva e crítica não formal e transformadora do mundo). Sendo um processo, a Comunicação da Ciência estaria mais para uma forma de construir colaborativamente conhecimento científico do que uma estratégia isolada de disponibilizar informações científicas.

Caracterizamos a Comunicação da Ciência assim apenas *a priori* porque é um de nossos objetivos de pesquisa analisar a experiência de um processo de compartilhamento e produção de conhecimento científico na Amazônia para, do empírico, fundamentar melhor o que e como seria esse processo de Comunicação da Ciência. Neste sentido, pretendemos refletir sobre o cotidiano do Clube do Pesquisador Mirim do Museu Paraense Emílio Goeldi, que já tem 15 anos de história, em que crianças e adolescentes participam de atividades de introdução à pesquisa científica em conjunto com jovens e experientes pesquisadores.

O Clube é um projeto do Museu Paraense Emílio Goeldi, uma das instituições de pesquisa científica mais antigas do Brasil. O grupo tem a proposta de oferecer aos estudantes do ensino fundamental experiências de produção do conhecimento científico. O trabalho funciona de maneira coletiva com a formação de turmas por idade/série e temática. Anualmente, são formadas turmas a partir de avaliação feita por instrutores do Clube.

As crianças e os adolescentes selecionados iniciam um processo composto por quatro fases: 1) a descoberta, em que os estudantes se familiarizam com o ambiente do Museu e com a temática que será trabalhada pelo grupo, geralmente, relacionadas à realidade regional; 2) a pesquisa, processo de pesquisa empírica, por meio de experimentos, construção de instrumentos, ida a campo; 3) a produção de materiais como jogos, cartilhas, vídeos, entre outros, para sistematizar os resultados das pesquisas realizadas; e a apresentação, que acontece no final de cada ano, em que os estudantes expõem os resultados de suas pesquisas para os pais e demais visitantes do Parque Zoobotânico do Museu Goeldi, em Belém.

Ao adotar essa abordagem co-participativa, o Clube do Pesquisador Mirim se destaca entre outras experiências por possibilitar reflexões e análises da natureza que se pretende encaminhar em nossa proposta de pesquisa.

Cabe aqui discutir com que noção de comunicação trabalharemos. *A priori* nos baseamos nas hipóteses de Braga (2011b) e Wolton (2004) acerca do que o primeiro chama de interação e o segundo de dimensão normativa da comunicação. As interações para Braga (2011b, p. 15) são “processos simbólicos e práticos que, organizando trocas entre os seres humanos, viabilizam as diversas ações e objetivos em que se veem engajados (...) e toda e qualquer atuação que solicita co-participação”. A comunicação, então, é uma interação, no sentido de que prevê a co-participação de sujeitos em um processo de troca.

Agregando uma visão ainda mais humanizada a esse processo, trazemos a noção normativa de comunicação refletiva por Wolton (2004) como o princípio essencial de toda comunicação: a partilha, a troca, a busca pelo outro que dá sentido à nossa própria existência. A dimensão normativa não se dá desaliada de uma segunda dimensão apontada por Wolton (2004), a funcional, que está relacionada às técnicas e funcionalidades da comunicação na sociedade, fenômenos que hoje tem grande visibilidade, por vezes, mascarando o sentido normativo que está presente em todo processo comunicativo.

No sentido de complementar as noções de interação e normatividade, compreenderemos, então, a comunicação como uma interação normativa, uma atividade co-participativa cujo princípio é o estar e o se relacionar com o outro em um processo de troca.

Convém também que contextualizemos nossa visão de ciência. Sem, neste momento, traçar um histórico de constituição e transformação da ciência ao longo dos séculos, iremos direto à caracterização do que compreendemos por ciência no contexto contemporâneo de produção do conhecimento científico.

Três referências iniciais trazemos para este diálogo: Morin (2010), Santos (2009) e, na área da Comunicação, Orozco & González (2012). Em muitos aspectos, esses autores são convergentes, como na ruptura com a noção de neutralidade da ciência. Fundamental para a construção de nossa proposta metodológica que esboçaremos mais adiante, o abandono da neutralidade significa conceber a ciência como um processo histórico, social e, essencialmente, humano, portanto, constituída por interesses, valores e motivações, sem, contudo, deixar de vislumbrar uma postura ética para com a produção do conhecimento científico. Daí, Morin (2010) apontar a necessidade de se fazer ciência com consciência, consciência no sentido *moral*, de compromisso primeiro com o conhecimento, e *intelectual*, de constante auto-reflexão sobre seus pressupostos e consequências.

Essa não neutralidade leva a uma nova compreensão da relação sujeito-objeto no contexto da pesquisa científica, especialmente mas não exclusivamente, nas ciências sociais e humanas. Em vez do distanciamento do pesquisador em relação ao empírico analisado, Orozco & González (2012) propõem uma abordagem qualitativa na área da Comunicação em que o pesquisador se envolva com seu contexto de investigação, veja-se e se exponha comprometidamente em relação aos demais sujeitos componentes do contexto da pesquisa, abrindo-se à coparticipação destes no desenrolar das atividades e reflexões.

Assim como se tem feito em algumas perspectivas da Comunicação ao conceber o receptor como sujeito ativo, nas ciências sociais e humanas em geral, a ideia é possibilitar ao “objeto-humano” da pesquisa a condição de sujeito coatuante e entender o pesquisador como integrante – não apenas observador – do contexto analisado (OROZCO & GONZÁLEZ, 2012). Os riscos de tornar-se um “nativo” se tornam ainda mais eminentes, certamente. Contudo, a busca constante pela reflexividade (refletir sobre a própria pesquisa) é um caminho para não perder o rigor epistemológico da produção científica, sem deixar de lançar mão de subjetividades que enriquecem e inovam o conhecimento produzido (OROZCO & GONZÁLEZ, 2012).

A busca por uma relação mais equitativa entre pesquisador e sujeitos-pesquisados está pautada também na abertura da ciência para considerar a validade e a importância de outros tipos de conhecimento (SANTOS, 2009) – como o tradicional, o popular (conhecido como senso comum), o religioso –, dialogando com eles e gerando novas associações a partir desse diálogo.

Esses fundamentos pautam um contexto que Santos (2009) avalia como um novo “paradigma do conhecimento prudente para uma vida decente”, em que a ciência deve estar

comprometida com a melhoria da qualidade de vida da humanidade, deve ser interventora social propondo não apenas análises, mas alternativas viáveis para a solução de problemas sociais.

Uma ciência que se pretende da Comunicação não pode se furtar de considerar essas transformações na própria concepção de ciência, que não é mais a mesma erigida no advento da modernidade. Talvez esteja neste contexto, visto por Santos (2009) e Morin (2010), como de mudança de paradigmas, que a Comunicação tenha um fértil espaço de reflexão epistemológica⁵, não abdicando da discussão de seus fundamentos, mas o fazendo pautada em outros princípios que não mais as noções positivistas de ciência.

Um desses princípios que aponta para a importância da Comunicação da Ciência é a perspectiva de Santos (2009) de que o conhecimento científico é um tipo de conhecimento que parte do senso comum e visa se converter nele. A relação do conhecimento científico com o senso comum ainda se dá majoritariamente em um sentido difusionista, o primeiro ensinando ao segundo o que é certo cientificamente comprovado. Em vistas de conceber esse processo de forma mais dialógica, propomos pensar em uma Comunicação da Ciência, em que conhecimento científico e senso comum se relacionam, tensionam, constroem outros conhecimentos, em um processo colaborativo de produção – e não transmissão – de conhecimento científico.

É neste sentido, que, compondo um processo comunicativo dialógico e normativo, já não damos conta apenas de uma divulgação da ciência como informação, mas é necessário que pensemos em uma Comunicação da Ciência como conversação normativa, diminuindo a fronteira entre fazer e comunicar ciência. Talvez este seja um caminho que poderá contribuir não somente para encontrar o lugar (epistemológico) da Comunicação como área do conhecimento, mas para se (re)pensar a própria ciência contemporânea.

Propostas metodológicas

Buscando a coerência com os nossos referenciais, caracterizamos nossa pesquisa como participante de abordagem qualitativa. Peruzzo (2011) destaca como características

⁵ Destacam-se, no Brasil, os trabalhos de Martino (2003; 2005; 2007), Braga (2011a; 2011b), Lopes (2010), França (2010) e Maldonado (2003), entre outros, que efervescem as discussões epistemológicas da Comunicação, não objetivando necessariamente sua definição (no sentido estrito) como ciência, mas como um caminho imprescindível para sua compreensão. Na América Latina, destacam-se as reflexões de Navarro (2010), Orozco & González (2012), além da transversalidade epistemológica dos estudos de Martín-Barbero (2001).

da pesquisa participante⁶ a integração a e a interação do pesquisador no contexto investigado. Essa é uma posição privilegiada do pesquisador, que lhe permite “assumir o papel do outro”, “ver as coisas de dentro”, “co-vivenciar” (HAGUETE, 1990, p. 61-63 *apud* PERUZZO, 2011, p. 126), apontando para o movimento contemporâneo caracterizado por Santos (2009) pela superação de diversas dicotomias, dentre elas a separação de sujeito e objeto, observador e observado.

Há de se ressaltar, contudo, que o fato de o pesquisador integrar seu contexto de análise, por um lado, possibilita visualizar novas associações teórico-empíricas que a observação não lhe propiciaria, e, por outro lado, redobra-lhe a necessidade de vigilância epistemológica, também chamada por Orozco & González (2012) de reflexividade, processo contínuo de avaliação crítica do pesquisador sobre a coerência de seu caminhar teórico-metodológico, para não correr o risco de enviesar seus resultados.

Trata-se de uma opção que exige muita maturidade intelectual; acentuada capacidade de distanciamento, a fim de não criar vieses de percepção e interpretação – o que não quer dizer neutralidade; e responsabilidade para com o ambiente pesquisado, de modo a não interferir demasiadamente no grupo ou criar expectativas que não poderão ser satisfeitas, até pela circunstância de sua posição transitória no grupo (PERUZZO, 2011, p. 137).

Trabalhando com esses pressupostos, buscaremos uma abordagem qualitativa do contexto pesquisado. Orozco & González (2012) assim caracterizam a pesquisa qualitativa:

La perspectiva cualitativa puede definirse como aquella que busca comprender las cualidades de un fenómeno respecto de las percepciones propias de los sujetos que dan lugar, habitan o intervienen ese fenómeno. De otra manera, es una mirada que parte de la premisa de que el hecho no es lo que está ahí afuera (el hecho objetivo), sino lo que los sujetos, incluido el investigador, perciben como hecho (OROZCO & GONZÁLEZ, 2012, p. 116).

Parte-se, então, da noção de que o conhecimento científico é uma representação da realidade, não a realidade em si, pois se trata de uma construção teórico e

⁶ Cabe aqui diferenciar a pesquisa participante de outros dois procedimentos que preveem outras medidas de participação: a observação participante e a pesquisa-ação. Na primeira, o investigador participa de seu contexto de pesquisa, contudo, coloca-se na posição de observador, sem se confundir ou se colocar no lugar do outro, como o que acontece na pesquisa participante. Na pesquisa-ação, por sua vez, além de o pesquisador interagir com os sujeitos pesquisados, busca a intervenção social, propondo soluções para os problemas da realidade analisada.

metodologicamente recortada e posicionada; espaço e temporalmente contextualizada (KÖCHE, 2009). O conhecimento científico, portanto, é sempre parcial tanto no sentido de ser incompleto quanto de não ser neutro.

Na medida em que trabalha mais com a percepção da realidade do que com a realidade em si, a perspectiva qualitativa tem o objetivo de compreensão dos fenômenos comunicacionais para além de uma verificação empírica. Em vez de testar se as teorias já formuladas condizem com a prática, busca construir associações entre os elementos que compõem um dado fenômeno e que, *a priori*, geralmente, não estão visíveis. Ao explicitar essas relações, o pesquisador nada mais faz do que construir seu objeto de estudo partindo do empírico para gerar novas teorizações (OROZCO & GONZÁLEZ, 2012).

Para o desenvolvimento deste processo, a partir de Orozco e González (2012), trazemos as noções de teoria e metodologia. Para os autores, as teorias são entendidas como associações duplamente explicativas: tanto na medida em que propõem formas de explicar as associações entre determinados aspectos da realidade, como na medida em que são suscetíveis a constantes críticas e reflexões por parte do pesquisador e dos pares.

Morin (2010) aponta para o caráter indefinido das teorias, concebendo-as não como uma “chegada”, mas como a “possibilidade de uma partida”; não como uma “solução”, mas como uma “possibilidade de tratar um problema” (MORIN, 2010, p. 335).

Essas noções de teorias implicam em visões mais amplas também do que são as metodologias. Para além de um “*corpus* de receitas, de aplicações quase mecânicas”, como Morin (2010, p. 335) caracteriza o método moderno, as metodologias são concebidas, em um contexto de pesquisa qualitativa, como o conjunto de decisões do pesquisador sobre o que e como apreender aspectos da realidade estudada (OROZCO & GONZÁLEZ, 2012). Essas decisões implicarão na escolha coerente de métodos, técnicas e ferramentas que mediarão a relação entre o sujeito pesquisador e o objeto em construção.

Orozco & González (2012) propõem, dessa forma, o abandono de uma noção esquemática de metodologia, reduzida a procedimentos metodológicos, para concebê-la como um processo de geração de conhecimento criativa e rigorosa. Criativa no sentido de realizar associações diferenciadas entre o teórico e o empírico, não meramente enquadrando-os um no outro, mas promovendo novos conhecimentos a partir da confrontação entre o que já foi estudado e o objeto que se constrói ao longo da pesquisa.

Este diálogo teórico-metodológico constituirá, por fim, uma discussão de cunho epistemológico, por meio de um processo auto-reflexivo permanente, uma teoria que

“necessita da crítica da teoria e a teoria da crítica” (MORIN, 2010, p. 338), em que o “caráter autobiográfico e auto-referenciável da ciência é plenamente assumido” (SANTOS, 2009, p. 85), o conhecimento buscando “autoconhecimento” (SANTOS, 2009, p. 80).

Etimologicamente, “epistemologia é o estudo do conhecimento científico” (MARTINO, 2010, p. 80) e, no geral, apresenta-se como “uma disciplina filosófica que toma a ciência como objeto” (MARTINO, 2010, p. 81). A epistemologia aplicada (utilizada) especificamente a uma ciência, como a Comunicação, dedica-se à reflexão sobre seu objeto de estudo e sua fundamentação teórica. Na interface entre a filosofia e a ciência, a epistemologia, para Martino (2010, p. 82), não pode ser concebida como uma metaciência ou uma ciência acima das demais. Pelo contrário, a reflexão epistemológica deve ser inserida como parte integrante e indispensável da atividade científica: “a ciência deixa de ser o objeto de uma disciplina filosófica para ser parte da investigação científica” (MARTINO, 2003, p. 82).

Para a área da Comunicação, esse processo é necessário, principalmente, pela carência de fundamentação do saber comunicacional, situação historicamente construída por diversos fatores, que vão desde a exacerbação da empiria nas primeiras pesquisas em Comunicação (WOLF, 1995) até os atuais discursos sobre a interdisciplinaridade de nossa área (MARTINO, 2007).

Assim, trabalhar epistemologia em Comunicação requer que encaremos essa dimensão mais do que uma reflexão, mas uma “tomada de posição”.

Significa aceitar certos pressupostos que são aqueles mesmos sobre os quais se funda a ciência, a possibilidade de conhecer o real a partir de certos critérios de investigação, entre os quais a reflexão crítica, a objetividade, a produção da verdade pela argumentação e comprovação (MARTINO, 2003, p. 70).

Trata-se, portanto, de partir do pressuposto de que é possível construir um conhecimento científico em Comunicação e trabalhar teórica e metodologicamente para vivenciar essa ciência. Ao discutirmos e problematizarmos, portanto, conceitos-chave para a compreensão científica da Comunicação e ao refletirmos metodologicamente sobre a coerência de nossos procedimentos de pesquisa em relação ao nosso referencial teórico, incorporaremos simultaneamente às nossas práticas e análises uma dimensão epistemológica.

A partir dessas bases teóricas, metodológicas e epistemológicas, propomos que a construção de nosso objeto de estudo se desenvolva colaborativamente com os sujeitos de nosso ambiente de pesquisa: o Clube do Pesquisador Mirim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Essa coparticipação é o elo que confere à nossa pesquisa um caráter duplamente compreensivo do processo de Comunicação da Ciência. Trata-se, portanto, não apenas de analisar os processos comunicativos que constituem as relações de produção de conhecimento científico entre crianças/adolescentes e pesquisadores no Clube do Pesquisador Mirim; mas também, simultaneamente, fazer de nosso processo de pesquisa um processo metodologicamente comunicativo.

Dessa forma, nossa pesquisa prevê uma metodologia aberta, passível de modificação de acordo com seu andamento. Para iniciarmos nossa relação com a experiência empírica que pretendemos analisar, antes de qualquer procedimento, vamos promover uma conversa com alguns integrantes do Clube a fim de apresentar a nossa proposta de pesquisa e buscar opiniões e contribuições acerca do encaminhamento a ser dado. Deixaremos, literalmente, nosso objeto falar.

A priori, negociaremos nossa inserção nos encontros semanais do Clube, não apenas como observadora, mas como integrante-participante, mantendo diário de campo com registro das impressões e reflexões das atividades desenvolvidas.

Na medida em que forem acordadas e no momento em que forem consideradas pertinentes, no decorrer da pesquisa de campo serão desenvolvidas algumas técnicas de pesquisa qualitativa, como grupo focal, entrevista em profundidade, história oral, entre outras. Cada procedimento deverá ser refletido e tensionado com a pesquisa bibliográfica feita paralela e posteriormente à pesquisa de campo.

Considerações finais

A área da Comunicação vive um momento de valorização da reflexão epistemológica em busca de se pensar o que é particular em seu olhar sobre o mundo e de que forma se dá a relação entre esse olhar particular e a realidade estudada (BRAGA, 2011a, 2011b; FRANÇA, 2010; LOPES, 2010; MARTINO, 2005, 2007). Nessa discussão, destacam-se duas dimensões indissociáveis: uma teórica e outra metodológica.

Se percorrermos historicamente as diversas proposições teóricas acerca dos fenômenos comunicacionais, perceberemos que talvez a grande dificuldade de construção de um saber propriamente comunicacional esteja na carência de uma reflexão, mais do que

teórica, metodológica, o que resultou na formulação de discursos explicativos limitados diante da complexidade empírica da comunicação (WOLF, 1995).

Felizmente, emergem, há algum tempo, esforços de pensar metodologicamente a pesquisa em Comunicação, como passo imprescindível para se vislumbrar e construir objetos de estudos diferenciados, a partir de perguntas inovadoras. Teorias e metodologias, portanto, sendo faces de uma mesma moeda epistemológica (OROZCO & GONZÁLEZ, 2012).

Acreditamos que esse exercício epistemológico é um compromisso que devemos buscar no âmbito da pós-graduação, a fim de reconverter o que alguns autores (BERGER, 2007; OROZCO & GONZÁLEZ, 2012) tem criticado nesse ambiente. Em vez de ser um espaço próprio para gerar discussões, embates e teorizações, a pós-graduação está formando cada vez mais mestres e doutores aplicadores de técnicas para obtenção de resultados. Para Berger (2007), esse é um dos fatores que emperram o desenvolvimento de teorizações na área da Comunicação e pouco ou nada contribuem para o debate epistemológico.

Temos consciência de que persistem em nossa proposta muitas lacunas, mas consideramos este artigo um exercício de organização de algumas associações teóricas e vinculações metodológicas. Nesse percurso, percebemos que ainda temos um árduo – mas instigante – caminho de pesquisa, não só para o âmbito do Mestrado, mas talvez para toda a vida.

A exposição destas ideias para outros pesquisadores é um momento que acreditamos ser extremamente interessante, porque nos possibilitará discutir as coerências e incoerências de nossa proposta de pesquisa. Trata-se de um movimento que certamente contribuirá para a construção de nosso objeto de estudo.

Referências

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - E-compós**. Brasília: v. 14, n.1. 2011. p. 1-33. Jan./abr. 2011a.

_____. Constituição do campo da Comunicação. **Verso e Reverso**. São Leopoldo: n. 25. 2011. p. 62-77. jan./abr. 2011b.

FRANÇA, Vera. **Paradigmas da comunicação: Conhecer o quê?** Trabalho apresentado no X Encontro da Compós, Brasília, 2001b. Disponível em: <www.compos.org.br>. Acesso em: 28 nov. 2010, 14h25.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias quantitativas na sociologia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 26. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LOPES, Maria I. V. de. O campo da comunicação sua constituição, desafios e dilemas. **Revista Famecos**. Porto Alegre, n.30, ago.2006, p. 16-30. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/487/411>>. Acesso em: 21 nov. 2010, 01h55.

MALDONADO, Alberto Efendy. Explorações sobre a problemática epistemológica no campo das ciências da Comunicação. In: LOPES, Maria I. V. de (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. Comunicação Contemporânea n. 1.

MARTINO, Luiz C. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera (Org.). **Teorias da comunicação**: escolas, conceitos, tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 27-38.

_____. Ceticismo e interdisciplinaridade: paradoxos e impasses da teoria da comunicação. **XIV Compós**, Niterói (RJ), 2005.

_____. As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação. In: LOPES, Maria I. V. de (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. Comunicação Contemporânea n. 1.

MARTINO, Luiz C. (Org.). **Teorias da comunicação**: muitas ou poucas? Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NAVARRO, Raúl Fuentes. Fontes bibliográficas da pesquisa acadêmica nos cursos de pós-graduação em comunicação no Brasil e no México. **Revista Matrizes**, n. 1, out. 2007. p. 165-77. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/MATRIZES/article/viewDownloadInterstitial/3995/3751>>. Acesso em: 20 nov. 2010, 17h48.

OROZCO, Guillermo; GONZÁLEZ, Rodrigo. **Una coartada metodológica**: abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios y audiencias. México: Tintable, 2012.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009. p. 125-45.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VOGT, Carlos. Ciência, comunicação e cultura científica. In: VOGT, Carlos (Org.). **Cultura científica**: desafios. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2006.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Trad. Zélia Leal Adghirni. Brasília: Editora UnB, 2004.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica**: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas-SP: Autores Associados, 2001.